

ANEXOS

ANEXO A
PARECERES

2) A Bela e a Fera. Rui de Oliveira. Il. Rui de Oliveira. São Paulo: FTD,1994.24p. (23 x 29 x 0,5cm - 210 gr.)

- Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração - 1995
- Prêmio Luís Jardim - "O Melhor Livro de Imagem" - FNLIJ - 1994

PARECER 1

Os anônimos contadores de história de séculos atrás jamais imaginariam ver esses contos narrados apenas por meio de imagens.

O século XX alcançou tal privilégio e assim conhecemos um outro narrador - o narrador-ilustrador, o narrador do conto sem palavras, que acolhe a emergência das imagens.

As narrativas do passado são formas épicas de comunicação, com raízes nos costumes dos povos e nas suas formas de pensamento, desde os primeiros estágios de desenvolvimento da própria sociedade humana. Por isso sua magia perdura até hoje, especialmente para o universo infantil, podendo-se afirmar, como Walter Benjamin, que tais narrativas são o primeiro conselheiro das crianças.

Rui de Oliveira escolheu um conto de fadas que reforça aspectos importantes de nossa condição humana, como a devoção, a gentileza e o amadurecimento provenientes do amor. Imprimindo nesse conto sua marca de narrador, como a mão do oleiro na argila, Rui de Oliveira soube construir um projeto gráfico-visual da maior qualidade. Condensar uma narrativa da tradição, apresentando-a tão somente na forma de imagens, não é um empreendimento dos mais fáceis e simples. Mas o resultado foi bastante produtivo - ganhou a literatura e enriqueceram-se as artes plásticas.

O autor baseou-se na versão escrita por Madame Leprince de Beaumont, editado no século XIX, na França. Para tanto, utilizou-se do estilo art nouveau, tão predominante na época e caracterizado pelo uso de linhas sinuosas e motivos vegetalistas.

Vale a pena observar as cores, as dimensões e os ângulos empregados pelo autor para ilustrar a página em branco, apurando, assim, o olhar para perceber as sutis variações na expressão das personagens, especialmente as da Fera, que pouco a pouco vai se humanizando.

Esta história contada por imagens contribui para o desenvolvimento da imaginação estética do leitor e do sentido da ficção em sua vida, sentido este que responde a uma necessidade profunda de ampliação de horizontes e de perspectivas.

7) A formiguinha e a neve. João de Barro (recontado). Il. Rogério Borges. São Paulo: Moderna,1995. 40p. Capa dura.

(18,5 x 28 x 0,9cm - 340gr.)

- Láurea "Altamente Recomendável para a Criança" - 1995 - FNLIJ
- Prêmio Jabuti - Categoria Ilustração infantil ou juvenil - Rogério Borges - 1996

PARECER 1

Clássico das fábulas tipo lengalenga, **A Formiguinha e a Neve** tem origem na Península Ibérica e na Ilha da Madeira, encontrando-se também entre os índios tehuano, como diz a nota informativa ao fim do volume. O conhecido compositor popular Braguinha recria essa história que tem grande apelo para a criança pequena, seja pela repetição das sentenças, seja pela identificação com a personagem, miúda e indefesa.

Optando pela simplicidade narrativa, Braguinha transmite de forma direta a história da formiguinha cujo pé se prendeu na neve e, compreendendo que vai morrer de fome e frio, se dirige ao Sol, que é tão forte, para que ele a liberte. Para surpresa da formiguinha e do leitor, o Sol vai dizer que mais forte que ele é o muro que o tapa. Recorrendo ao muro, a formiguinha vai ouvir que mais forte que ele é o rato que o rói. Do rato ao gato, do gato ao cão, do cão ao homem, do homem à morte, da morte a Deus, a formiguinha percorre esse roteiro extremamente interessante de poder, com curiosas inversões do senso comum.

Fugindo ao senso comum da ilustração de livros infantis, Rogério Borges oferece ao leitor uma estupefata experiência, a um só tempo contida e luxuriosa. Carregando azul e verde sobre cinza, construindo uma primavera que se estende diáfana numa página em que vermelho e dourado atraem em primeiro plano o olhar, o artista cria imagens líricas e poderosas que vão sublinhar a emoção da criança junto à angústia da formiguinha.

Em edição com capa dura e papel de excelente qualidade, o volume é ideal para a biblioteca do pequeno leitor que necessita de boas encadernações quase tanto quanto de bons textos e ilustrações.

Braguinha é compositor de música popular brasileira de grande sucesso na primeira metade do século. Na década de 50 desenvolve o projeto de adaptar histórias tradicionais em gravações fonográficas para crianças, compondo canções que vão funcionar como metonímias das histórias que ilustram e propiciando a divulgação de um rico patrimônio popular através de um meio moderno de difusão.

Inscritas na experiência ocidental desde a antiga Grécia, conservando surpreendente contemporaneidade, as fábulas são de especial agrado das crianças, pois operam com questionamento e subversão de poder, instaurando a criação de novos paradigmas.

O final alegórico confere a abertura para que cada criança leia de onde pode ler, do ponto em que se encontra nas suas experiências pessoais. É saber dos mais valiosos esse, que consiste em não mentir nem edulcorar a realidade sem precisar, no entanto, colocá-la em exposição como tecido grosseiro que fere sem abrigar. Força da literatura, a metáfora cria mecanismos que permitem ao pequeno leitor elaborar compreensão e transformação, na crueza da vida, na beleza da vida.

(Nilma Gonçalves Lacerda)

14) A Televisão da Bicharada. Sidónio Muralha. Il. Claudia Scatamacchia. 11ª ed. São Paulo, Global Editora, 2000. 32p. (25,5 x 20,5 cm - 120 gr. - 4 x 4 cores)

□1ª edição: 1962

□1º Prêmio da II Bienal Internacional do Livro de São Paulo

□Altamente Recomendável para a Criança (1997) FNLIJ

PARECER 1

A obra, de poemas infantis, extremamente bem cuidada, traz um projeto gráfico que não apenas se revela nos aspectos de qualidade do papel, de capa, cores como, especialmente, nas deliciosas

ilustrações de Cláudia Scatamacchia. Ora a singeleza do poema traz um ilustração mais contida na ocupação do espaço da página, ora ela se derrama por duas páginas, expressando pelo traço não o tamanho do poema, mas os sentidos que a ilustradora lhe atribuiu ao fixar sua própria linguagem. E que certamente são captados e interferem no texto escrito de Sidônio Muralha, fazendo mesmo o pequeno leitor perceber a tensão entre uma e outra linguagem. A ilustradora é capaz de esparramar uma formiga em casca de noz por duas páginas e condensar um elefante em parte de uma só. Fazer um passarinho tão grande - ou maior - que o garotinho que com ele interage e uma zebra dormir de pijamas em duas páginas, ocupando o espaço todo do sono, do deitar para dormir, de que o poema Boa Noite, breve e economicamente trata.

O texto de Sidônio Muralha é rico nessa economia do dizer, impondo ritmo, leveza e, ao mesmo tempo, reiterações que em nada quebram a observação da economia de linguagem, pelo contrário, fortalecem esse dizer. Os títulos das poesias e seu texto, muitas vezes nos impactam, pela coerência que o autor encontra entre eles, em primeiro momento não sugerida. E justamente daí o autor faz um texto original, sugestivo, inteligente, criativo, jogando com as palavras, ritmadamente, trazendo as personagens para o texto com características ora humanas, ora com uma visão não convencional, lúdica ("Os gatinhos eles são, são todos aos quadradinhos"), talvez do modo como lhes vêem as próprias crianças.

A obra é indispensável ao trabalho junto a crianças de 1ª a 4ª séries, pois proporciona a aproximação com o sentido mágico das palavras, que se tocam, que se ligam, pela rima, pelo ritmo, pelo som que Sidônio Muralha imprime a cada uma delas. Trabalhar esta forma de linguagem faz parte do processo de formação do leitor e não é possível descartá-la do ensino da leitura e da escrita na aprendizagem escolar. E a obra oferece grande potencial para iniciar um trabalho sério com essa forma de linguagem: a poética.

(Jane Paiva - PROALE/UFF)

21) Barulho demais. Max Velthuijs. Il. Max Velthuijs. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 32p. (Coleção Andersen) (20 x 24 x 0,2cm - 140gr.)

□ "Acervo Básico Anual - Criança"/FNLIJ - 1996

PARECER 2

Autor da literatura contemporânea para crianças, Max Velthuijs, artista holandês, criou personagens adorados pelos pequenos. O Sapo, o Coelho, o Leitão, a Pata, o Crocodilo e o Elefante são alguns de seus personagens humanizados que vivem situações de conflitos sociais, existenciais - enfim, afetivos. Escritor e ilustrador de suas obras, Max possui uma literatura que dialoga com a criança, explorando o imaginário e a fantasia. Em **Barulho demais**, o leitor vai se confrontar com as diferenças que marcam cada ser.

Partindo de um desentendimento entre vizinhos, aliás muito comum na nossa sociedade, a história percorre soluções que se utilizam ora de uma agressividade quando a parede é derrubada, ora de um lirismo que culmina com um final feliz. Por não terem nomes próprios chamando-se o Crocodilo, o Elefante, os personagens facilitam a identificação das crianças, pois o mérito da história é o de explorar os valores, os traços de personalidade. Para as crianças, o contato com os animais estimula suas dúvidas diante do mundo, trazendo muitas respostas para questões aparentemente monstruosas: "como devo ser?", "o que devo fazer?", "quem sou eu?". Aqui, os animais funcionam como representações metamorfoseadas das dificuldades humanas, trazendo à tona os valores respeito, solidariedade, solidão, companheirismo, agressividade, raiva... Todos experimentados pelos personagens e passíveis de identificação pela criança.

O texto curto, com tradução a cargo de Monica Stahel, já muito conhecida por trabalhos traduzidos anteriormente, recebe um tratamento de respeito à linguagem da criança. Não há a utilização de diminutivos, nem de recursos "tatibitatis", há uma fala compatível com a compreensão do leitor -

seja ele adulto, seja criança. A tradutora segue a linha característica do autor de utilizar uma linguagem do cotidiano. Nos diálogos percebe-se a emoção de cada personagem, transmitida pela espontaneidade das construções.

A arte - fundamental na infância, para criar o gosto estético nas crianças e incentivá-las a descobrir seus talentos - é bem trabalhada pelo autor aqui na expressão musical. O que parecia inicialmente insuportável para o Elefante - ouvir os ensaios do vizinho - passou a ser uma passatempo, levando-o a encontrar também seu dote de tocar trombeta. Além do texto ficcional, envolvendo questões comuns aos pequenos (conflitos, dúvidas...), a história traz a valorização da expressão musical. Esta pode ser desenvolvida e trabalhada, abordagem interessante para as crianças na escola criarem seus próprios instrumentos musicais ou aprenderem aqueles que estiverem disponíveis em seu universo escolar.

As ilustrações, outro mérito do autor, estão dispostas em quadros que dão destaque aos personagens e suas respectivas expressões. Movimentos, ruídos, sons são reproduzidos nas imagens lúdicas que falam a linguagem das crianças: rica em imaginação e fantasias. Os bichos incorporam características humanas e traduzem emoções e sentimentos. São criaturas dotadas de amor, de ódio, de raiva, de paixão - o que faz com que o leitor se envolva nas cenas. Alegria, tristeza, dor, susto, desespero, surpresa são questões exploradas nas ilustrações que cativam o leitor pelo carisma dos personagens e pela naturalidade com que são tratadas.

O projeto gráfico segue o mesmo padrão da obra original em inglês: papel couché, cores vivas nas imagens, ilustrações e textos bem distribuídos pelas páginas, garantindo um objeto livro de qualidade e resistente ao manuseio das crianças.

(*Ninfa Parreiras*)

22) Berimbau e outros poemas. Manuel Bandeira. Il. Marie Louise Nery. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 59p. (16,1 x 23,2 x 0,4cm - 120gr.)

□ Projeto Viagem da Leitura/FNLIJ - 1987

PARECER 1

A coletânea de poemas de Manuel Bandeira selecionados pelo escritor e professor mineiro, Elias José, é resultado do interesse editorial em reunir poemas do poeta pernambucano, considerados acessíveis à fruição também pelo público infantil.

A seleção de Elias José foi criteriosa ao recolher textos que têm o traço definidor do poeta - o lirismo - que perpassa a poetização do cotidiano, de matérias folclóricas, de flagrantes humorísticos, da infância (brincadeiras de rua, acalantos, bichos de estimação), como também o senso fantástico que preside à concepção da verdadeira poesia.

Entre os poemas selecionados prevalece a composição em verso livre, com ritmo interno, elaborada por poeta maduro, com domínio criador, que aderiu à renovação moderna, passando da forma clássica (de sua formação inicial) à libertação estética. O último poema de **Berimbau e outros poemas**, **Os sapos**, contém a posição modernista de Manuel Bandeira e a sua visão crítica do tradicionalismo com o qual ele rompe, integrando a primeira geração do modernismo brasileiro.

Tanto as formas criativas dos textos, com linguagem simples e lírica, como os temas que são vistos com o olhar sincero do poeta (que não oculta, em alguns poemas, sentimentos de perda, saudade, tristeza), dão a medida do imaginário poético de Bandeira, possível de ser usufruído por crianças e adolescentes.

Esse imaginário - que é pedra angular de **Berimbau e outros poemas** -, peculiar pela ternura que contém, enriquecido com a expressão também terna dos desenhos da ilustradora Marie Louise

Nery (que já dera bela feição gráfica a livros, como: **A arca de noé**, de Vinícius de Moraes; **O cavaleiro azul**, de Maria Clara Machado; **Criança, meu amor**, de Cecília Meireles), afina-se perfeitamente à visão sensível de mundo, típica das crianças, por isso, terá ressonância na interioridade dos pequenos leitores.

A obra, que pode ser visitada também pelos leitores adultos, ou revisitada pelos já leitores do poeta, é experiência editorial louvável, já que são raros os projetos que viabilizam uma aproximação das crianças com poetas da literatura adulta, fazendo-a através de seleção e tratamento gráfico bem cuidados.

(Vânia Resende)

36) É isso ali. José Paulo Paes. Il. Roger Mello. 10a ed. Rio de Janeiro:Salamandra,1993. 32p. (16 x 23,5 x 0,2cm - 40 gr.)

- Prêmio Ofélia Fontes - "O Melhor para a Criança - 1984" - FNLIJ
- Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte - Categoria Poesia - 1984
- Projeto Recriação/FNLIJ -1986
- Projeto Meu Livro, Meu Companheiro/FNLIJ - 1988

PARECER 2

Trata-se do primeiro livro de poemas do autor dirigido às crianças.

O livro inicia-se com uma explicação do próprio autor, na qual ele traça sua intenção: ser lido por leitores de todas as idades. Explica ainda o título do livro - É isso ali - que, para ele, sugere a obrigatoriedade plurissignificação da palavra na poesia, esta também aí conceituada: " não é mais que uma brincadeira com as palavras", conceituação excessivamente modesta, desmentida pelos próprios livros de José Paulo Paes, que revelam como a poesia vai muito além da mera brincadeira.

A obra apresenta 15 poemas, nos quais ele segue mesmo o conceito proposto: trata-se de pequenos poemas (salvo um, que apresenta o alfabeto) sobretudo de humor e brincadeiras a partir das possibilidades de sentidos das palavras, como em "Adivinha de Peixes", "Inutilidades". Aparecem anedotas (como "Portuguesa"), trocadilhos (como em " Mistérios do Passado", "Nome é Nome"). Já em "Alfabeto", o autor explora o desenho da palavra.

Embora o poeta tenha aperfeiçoado estas características nos livros seguintes, ele já cria, aqui, uma obra que pode interessar e agradar ao público infantil.

Quanto ao projeto gráfico, é bem cuidado, com capa em papel supremo plastificado e miolo em *offset* de boa gramatura. O miolo tem as páginas em várias cores (apenas duas são brancas) e em tons fortes. As ilustrações, com a qualidade já conhecida de Roger Mello, são grandes, às vezes ocupam a página dupla, e procuram não explicitar o texto e sim criar leituras paralelas a ele.

(Maria Antonieta Cunha)

39) Faca afiada. Bartolomeu Campos Queirós. Il. Odilon Moraes. São Paulo:Moderna,1997. 40p. (14 x 20 x 0,2cm - 70 gr.)

PARECER 2

A história de Bartolomeu Campos Queirós destaca-se no conjunto da obra do autor pelo cunho de suspense que se cria, decorrente da ambigüidade gerada pela interpretação do menino mais velho, de uma família de hábitos simples, interioranos, sobre a conversa dos pais. Do seu quarto, durante a noite, ele escuta os pais conversando sobre a conveniência de se cometer "a morte"; ao longo do diálogo entre pai e mãe ele vai tirando dedução de que a vítima será a avó. A sensibilidade do menino e a sua inocência o fazem sofrer muito. Angustia-se, mergulhado no drama que cresce, imaginando o assassinato da avó pelo pai, homem tão amável até com os bichos. A trama está armada ao nível mais superficial do texto; os fatos se amarram até o desfecho que desfaz o equívoco do entendimento (a faca afiada foi usada para matar uma velha galinha que a família saboreia no almoço). Ao nível profundo, a narrativa sustenta a densidade da angústia, que domina e fragiliza a criança.

A linguagem poética de Bartolomeu e a fantasia - matéria-prima da sua criação - são componentes essenciais, caracterizando a especificidade do valor do conjunto da sua obra. No caso de **Faca afiada** a poesia e a fantasia são aliadas na construção de belas metáforas em momentos, como estes, entre tantos outros, falando do retorno das rolinhas no entardecer, após se alimentarem na janela da casa: "Depois espiavam um lado e outro do mundo, espreguiçando as asas, como se invejosas das garças. Então rabiscavam a memória da tarde com leves vôos. Ninguém mais saberia delas. Com certeza se vestiriam com folhas, se cobriam com as calhas dos telhados ou buscariam em ninhos lembranças de antes."

O texto de **Faca afiada** cresce em densidade poética e fantástica também pelo uso que Bartolomeu faz das histórias (que a avó contava aos netos) dentro da história central. Essa densidade concorre para a criação de uma ambiência em lugar de um simples descritivismo realista: "Lá fora, ficava o barulho do córrego, o pio das corujas agourando a morte, o barulho do vento nas árvores e as suas sombras desenhando medos imensos no chão (...). O vento gemia fino nas gretas das janelas. As tábuas do assoalho rangiam soluços. No forro de esteira caminhavam suspeitas."

As ilustrações realizam o diálogo com a simplicidade, que é característica do estilo de Bartolomeu, sempre depurado. Discretamente as imagens acompanham o texto, tendo presença suave, sendo toques metonímicos, ou pedaços de cenas sem contorno de realismo. Crescem em valor visual as páginas que comportam a narrativa dentro da narrativa (história que a avó conta da "menina que sonhou em ter a lua").

Bartolomeu Campos Queirós ocupa lugar especial na história da produção literária brasileira, a partir de 74 (data da sua primeira obra **O Peixe e o Pássaro**).

Ele mantém uma linha de criação coerente com o seu compromisso estético: "escrever para crianças não é somente ter uma idéia engraçada mas é necessário que se tenha forma, conteúdo", afirma ele em entrevista no **Estado de Minas**/16.2.97. A seriedade dessa concepção dirige a sua linguagem poética, construída com matérias da fantasia. É esse basicamente o fator que permite sintonia da sua criação literária com leitor de qualquer idade.

O valor da obra desse escritor e arte-educador brasileiro tem sido reconhecido através de inúmeras premiações nacionais e internacionais, como também de estudos críticos em teses defendidas e algumas publicadas, como **Literatura Sem Fronteiras** (Editora Miguilim, 1998).

O próprio autor revela a postura artística consciente, que o conduz, ao referir-se a acertada definição de seu trabalho por Ana Maria Clark (autora de um dos estudos acadêmicos sobre sua obra): "é o infantil na literatura, a infância registrada e não somente um texto 'para' a criança".

A obra **Faca afiada** pode servir de apurado alimento ao imaginário infantil, embasando-lhe a formação estética e a refinada educação da sensibilidade.

(Vânia Resende)

41) *Guilherme Augusto Araújo Fernandes.* Mem Fox. Il. Julie Vivas. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo:Brinque-Book,1996. 32p.

(24 x 25,6 x 0,2cm - 200 gr.)

□Láurea "Altamente Recomendável Tradução/Criança" - FNLIJ - 1996

PARECER 1

Dois vértices do desenvolvimento humano (infância e velhice) são abordados nesta publicação, não como extremos distantes ou antagônicos, mas como fases que se completam. A memória - tema central da obra - é descoberta pela criança, no diálogo com os adultos e retomada pelo idoso, no contato com a construção lúdica da criança. O texto em prosa, narrado em terceira pessoa, privilegia o ponto de vista da criança que brinca, investiga, dialoga e vai construindo sua forma de se posicionar frente ao universo do adulto.

Estamos diante de uma obra que dissolve preconceitos cristalizados pelo olhar adulto sobre o mundo. Aqui, a criança é dona de suas vontades e sujeito de seu processo de amadurecimento. O idoso também não é um ser inútil, sem participação ativa na sociedade, ele produz conhecimento e reproduz experiências. A linguagem fluida, sem rebuscamentos, atinge o imaginário do leitor com expressões pertinentes ao mundo das crianças. Questões tão complexas como os preconceitos e a memória são tratadas de forma lúdica, num texto apaixonante, sem didatismos. O caminho seguido pelo autor é o que provoca reflexões no leitor, dando-lhe condições de lidar com conflitos subjetivos próprios da infância.

O projeto gráfico de qualidade é marca da editora, voltada para a seleção de textos e de ilustrações com expressiva carga poética. A qualidade do papel, da impressão e a disposição das imagens valorizam a obra que deixa ainda espaços a serem preenchidos pelo leitor. Há uma limpeza na colocação de texto e imagem que ao realçar o branco do papel abre as possibilidades de uma leitura com identificações e associações.

As ilustrações em tons claros reproduzem a distância criança / idoso criando uma aproximação pelo diálogo que os desenhos estabelecem entre si. A técnica utilizada pela ilustradora dá realce a transparências das cores que estão como a memória perdida, mas não apagada da senhora idosa. Os movimentos explorados estão espontâneos e reproduzem os sentimentos das pessoas, em especial a redescoberta da memória.

A tradução busca nomes próprios da nossa cultura para aproximar o leitor da obra. São utilizadas rimas que também estão presentes no repertório da criança brasileira. É uma obra importante para a biblioteca da escola, por tratar de questões que muitas vezes inquietam as pessoas e também por apresentar soluções lúdicas - bem ao gosto da criança. É indispensável o acesso a obra que não transmite preconceitos, mas que resgatam os valores de duas fases diferentes de nosso desenvolvimento.

(Ninfa Parreiras)

42) *História de Trancoso.* Joel Rufino Santos. Il. Zeflavo Teixeira. 8ª ed. São Paulo:Ática,1996. 32p. (Coleção Curupira). (22 x 19,5 x 0,2cm - 100gr.)

□Selecionado para o acervo permanente da Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique - 1984

□O ilustrador recebeu o Diploma do Prêmio Catalunha de Ilustração -1988, pelas ilustrações dessa coleção.

PARECER 1

Joel Rufino dos Santos, com *História de Trancoso*, abriu a Coleção Curupira, cujo objetivo era o de reunir histórias do fabulário popular brasileiro. Trancoso foi, historicamente, uma figura da literatura portuguesa, que juntou, em coleção famosa, narrativas lusitanas e ibéricas que circulavam oralmente na Idade Média. A denominação, "história de Trancoso", superou, porém, o autor da antologia, passando a designar contos de imaginação e exagero, em que o extraordinário supera o verídico ou o verossímil. Na acepção proposta por Joel Rufino dos Santos, Trancoso significa igualmente um "herói popular que se vinga dos ricos e poderosos através da astúcia", conforme está definido na última página da obra.

O texto tem estrutura narrativa linear, contando como um fazendeiro e um padre, depois de desdenharem a companhia e a ajuda do matuto Trancoso, acabam enganados por ele, que come o único pedaço de queijo com que o grupo de andarilhos foi contemplado. Trata-se de uma história em que se reconhecem elementos do relato popular, a saber:

- o herói é pobre e feio ["O roceiro tinha um só dente na frente. E cara de bobo", conforme o descreve o narrador na p. 9], representando não apenas o elemento popular e as classes mais pobres da população brasileira, mas também sua inferioridade e submissão;
- os adversários, que hostilizam o roceiro, sintetizam as camadas mais elevadas, no plano social (o fazendeiro) e político (o padre); sentem-se superiores ao matuto, mas acabam sendo vencidos por ele;
- o conflito opõe elementos sociais (pobre X rico; opressor X oprimido) e psicológicos, porque o roceiro, além de ter dois adversários pela frente, é diminuído e hostilizado pelos outros, bem como julgado alguém incapacitado até mentalmente;
- o menor acaba vencendo o aparentemente maior, valendo-se de sua astúcia e provando que, apesar da exterioridade à primeira vista rebaixante, ele está acima dos outros.

A validade da obra, no que se refere ao texto narrativo, reside primeiramente nesses aspectos: mostra que não se deve subestimar os pequenos, sejam pobres, homens do campo ou crianças, figura que o roceiro igualmente metaforiza. Além disso, ele valoriza o folclore nacional, apresentado numa linguagem em que predominam: a síntese vocabular, a rapidez com que a ação se desenvolve, a valorização e primazia do diálogo. Destaque-se igualmente que o livro está bem diagramado e que a ilustração procura acompanhar o estilo do texto escrito, privilegiando o estilo popular, caracterizado pelo traço simples e o uso das cores primárias.

Quando publicou *História de Trancoso*, Joel Rufino dos Santos era já escritor consagrado das Letras brasileiras no campo da literatura infantil, tendo já produzido obras premiadas, como *O soldado que não era* e *A pirlampêia e os dois meninos de Tatipurum*. Com aquela obra, consolidou seu lugar na literatura brasileira para a infância, a que integrou a melhor contribuição do folclore nacional de origem ibérica.

(Regina Zilberman)

49) Mamãe trouxe um lobo para casa! Rosa Amanda Strausz. Il. Fernando Nunes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995. 24p. (16 x 23 x 0,2cm - 70gr.)

- Prêmio Revelação - Autor - FNLIJ - 1995

PARECER 2

Com *Mamãe trouxe um lobo para casa!* Rosa Amanda Strausz estréia, em 1995, no cenário da literatura infantil brasileira, e reaparece no mesmo ano com *A coleção de bruxas de meu pai*, completando, assim, a abordagem das relações familiares do mundo contemporâneo de maneira autêntica e ao mesmo tempo bem humorada. Para adultos, a autora já havia se lançado em 91

com um livro de contos, merecedor do prêmio Jabuti.

Os dois livros infantis seguem curso de leitura independente, embora em paralelo façam um contraponto temático interessante. As duas histórias são contadas pelo ponto de vista da criança, que vive o conflito familiar provocado pela presença do(a) novo(a) companheiro(a) da mãe (do pai); daí decorrem a rejeição, os medos, a angústia. Ao final, elaborado o impacto emocional, os sentimentos se renovam, levando a um salto de crescimento psicológico.

Quanto à obra ***Mamãe trouxe um lobo para casa!***, especificamente, a autora não poupa a criança do drama causado pelo convívio com aquele que passa a ocupar o lugar do pai dentro de casa. Os sentimentos são densos, mas eles evoluem na medida em que vai ocorrendo elaboração e amadurecimento da percepção infantil. As novas relações em família repercutem na subjetividade da criança - essa é a tônica central da história, que é uma oportunidade de redimensionamento afetivo, na perspectiva positiva, corajosa e bem humorada de contextualização do tema.

O poder da nova figura masculina sobre a afetividade da criança encontra expressão na metáfora do lobo, que carrega diálogo intertextual com as histórias conhecidas do público infantil: ***Os três porquinhos e Chapeuzinho vermelho***. As descrições físicas e a linguagem são revestidas do tratamento simbólico, dado à figura humana, denunciando que o menino se sente incapaz de estabelecer laços humanos, de aproximação e comunicação: "lá estava ele, enorme, peludo e bocejando: Levi, nosso lobo de estimação". A metaforização encobre a rejeição, o espanto, a insegurança, a angústia e traduz o conflito, no sentido do que a criança sente, sem entendimento consciente. A figura ameaçadora do lobo vai desfazendo-se pela aceitação que o menino passa a ter, adquirindo um pouco de confiança no adulto, capaz de entrar no seu mundo infantil, compartilhando brincadeiras. A percepção da criança muda com o convívio familiar desafiador, cujo saldo é um modo de ver e sentir modificado.

É evidente o valor da obra que dispensa a cobertura apelativa, feita de lamentações sentimentais ou de um realismo cruel. A experiência do menino é retratada com habilidade literária, revestindo-se de descontração burlesca; em vez de prevalecer o sofrimento da perda, a escritora privilegia os ganhos: as novas relações entre ele e Levi, que, ao final, deixa de ser estranho (começa a conquistar a afeição infantil), e o crescimento psicológico, que dá à criança fortalecimento à identidade. Novamente a metáfora, mostrando a passagem do estado psicológico frágil para a nova condição, em que os medos e inseguranças diminuem, tornando a personagem infantil corajosa e confiante: "Em compensação, aprendi a dar grunhidos terríveis, a uivar para a lua e estou ficando cada vez mais forte. Se continuar assim, acho que vou acabar virando um lobinho.." As ilustrações de Fernando Nunes (programador visual e ilustrador, desde 1978, com experiência no campo das artes gráficas) reforçam a natureza do texto. As cenas e as figuras têm também a configuração burlesca e são, no geral, coloridas. Momentos conflituosos de maior tensão são visualizados em preto e branco; sem isentá-los do senso de realismo (que também é pertinente ao texto), o ilustrador ameniza a angústia do menino como que ludibriando-a com soluções do imaginário: em uma cena o menino corre, desesperado, com os três porquinhos (ele é um deles); em outra, está alojado no interior do lobo (foi literal e simbolicamente "devorado" pelos medos); o bolo aparece de óculos, depois de chinelo, lendo muito à vontade.

Aos leitores o livro ***Mamãe trouxe um lobo para casa!*** proporciona prazer, abertura para a derrubada de preconceitos e o crescimento psicológico.

Com a coleção de cinco livros, intitulada ***Tião parada, o rei da estrada*** (o mesmo nome do programa que Rosa Amanda Strausz realizou em rádio para crianças), a autora, em 1998, oferece às crianças brasileiras a discussão de temas de cidadania através da ótica ficcional.

(Vânia Resende)

74) O que fazer? Falando em convivência. Lilliana Iacocca. II. Michele Iacocca. São Paulo: Ática, 1993. 48p. (20 x 27,5 x 0,2cm - 180 gr.)

□Láurea "Altamente Recomendável - Informativo" - FNLIJ - 1993

□ Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte - Categoria Infantil - 1993

PARECER 1

A pergunta que abre este pequeno, simpático e ágil manual de ética, "O que você faria...", dá o tom do livro. O leitor, colocado numa posição de participação ativa, vai se deparar com uma série de situações reconhecíveis por cada um de nós, pequenos e delicados embaraços cotidianos que tanto se resolvem com o riso, quanto podem afligir dolorosamente as pessoas.

Aos oito, nove anos, a criança já tem uma vida social intensa, na escola, nos grupos do bairro, nos vizinhos com quem brinca. Está precisando saber como agir nessa convivência, encontrando as respostas mais adequadas para as situações dúbias, injustas, desfavoráveis.

O livro não vem recheado de respostas. Objetiva provocar uma reflexão que leve o leitor à elaboração das próprias respostas e atitudes. A linguagem dos quadrinhos é um achado na comunicação direta com o leitor, posto claramente como a segunda pessoa com quem falam os autores, assumidamente socráticos.

Estratégia eficaz na provocação de deslocamentos, o humor permite perceber com imediata clareza a relatividade dos comportamentos e conceitos. A segunda pergunta "O Que Fazer?" abre um espaço de sugestões que enfatiza a construção do coletivo no respeito às diferenças individuais. São muitas as possibilidades de responder, e serão corretas num contexto que escolha amizade, tolerância, diversidade, como pontos de sustentação de um grupo social.

Objeto-livro atraente, de trânsito certo entre as crianças, **O Que Fazer?** traz a ética para o cotidiano da criança. Parte de um projeto de construção de identidade social, em que os autores vêm trabalhando há bom tempo, este livro é uma presença importante na biblioteca. Tanto quanto o autor de **Menino Brinca De Boneca?**, Michele e Liliana Iacocca acreditam que escola é um lugar que precisa se ocupar em discutir a felicidade e construir a consciência de uma cidadania plena.

(Nilma Gonçalves Lacerda)

82) Ou isto ou aquilo. Cecília Meireles. Il. Beatriz Berman. 19ª impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 72p.

(16 x 23 x 0,5cm - 130 gr.)

□ 1ª edição: 1964.

PARECER 2

Depois de perambular por três editoras (Giroflê, em 1964; Melhoramentos, em 1968; Civilização Brasileira, em 1973), esta obra-prima aportou desde 1990 na Nova Fronteira.

Lembre-se que na primeira edição, em vida de Cecília Meireles, a obra tinha 24 poemas, possivelmente os mais do gosto da autora, que viu o livro publicado pouco antes de morrer, no mesmo 1964. A partir da edição da Melhoramentos, incorporaram-se 33 poemas inéditos, o que tornou a obra mais alentada e talvez menos uniforme que a anterior. Tudo, no entanto, apresenta uma qualidade normalmente superior ao que se publica ainda hoje, no campo da poesia infantil.

A importância desta obra é especialíssima: será difícil encontrar autor de poesia infantil no Brasil que não tenha tentado ou publicado um poema ao estilo dos que se encontram em **Ou isto ou aquilo**. Realmente, com este livro, introduz-se na poesia brasileira para crianças a leveza, o claro (e simples) jogo de palavras, idéias e situação, o cotidiano, o humor. Tudo, obviamente, encharcado de qualidade literária. Por outro lado, não estará ausente o lirismo mais delicado, a metáfora mais cuidada e, nas entrelinhas, a reflexão/sentimento em torno da vida e da morte, como em "As duas velhinhas", "Rio na sombra", "O último andar", ou "Canção de Dulce".

Os poemas têm, em geral, versos curtos e são, eles mesmo, curtos. Cecília Meireles esbanja

ritmos e rimas, o que torna esses poemas caros às crianças. Por outro lado, aliterações, anáforas, sinestésias são comuns na obra, que não faz concessão alguma para "falar à criança". Daí proceder a observação de Walmir Ayala, que na Introdução do livro enfatiza sua poesia-sem-destinatário.

A edição da obra tem papel com gramatura inferior ao desejável, de forma que as ilustrações vazam, fazem sombra de uma página para outra. Com relação à ilustração, em lápis e aquarela, em preto e quase magenta (só a capa é em quatro cores), não são especialmente inspiradas e em geral traduzem o enunciado dos poemas, o que as torna um pouco óbvias. Às vezes, as páginas são sobrecarregadas, como, por exemplo, 32 e 33, 42 e 43, 71 e 72, com elementos dispersos e pouco significativos.

Aliás, depois do projeto inovador, com ilustrações de Maria Bonomi, na 1ª edição, a obra está a merecer um tratamento editorial/gráfico que faça jus à sua importância.

(*Maria Antonieta Cunha*)

Nota da Coordenação dos pareceres: concordamos com as observações acima. Porém, considerando a importância da obra para a leitura das crianças do ensino fundamental, apesar dos problemas mencionados e informados pela editora de que está é a versão disponível para publicação, mantivemos a indicação, com a concordância da parecerista.

85) *Picote, o menino de papel*. Mário Vale. Il. Mário Vale. Belo Horizonte: RHJ, 1993.

16p.

(12 x 28,5 x 0,1cm - 110 gr.)

□Láurea "Altamente Recomendável para a Criança"- FNLIJ - 1993

PARECER 2

Picote, o menino de papel, é obra de arte fundamentada em um dos pilares da narrativa moderna: a "metalinguagem" ou "narrativa auto-referencial". Este é um recurso no qual o autor trabalha a linguagem de tal modo que, a todo momento, o leitor é lembrado de que está lendo um livro, de que é um objeto aquilo o que ele possui nas mãos. Apesar do envolvimento com o enredo, o leitor tem a consciência de que é a linguagem tratando de si mesma. Mário Vale utiliza dobraduras, recortes e colagens para contar a história de um personagem feito de colagens, recortes e dobraduras. Um exemplo de auto-referência é o trecho: "um lugar (...) todo feito de papel colorido". Impressiona o domínio técnico do artista, pois personagens e cenários são extremamente bem confeccionados, apresentando uma riqueza cromática e uma expressividade que imprime uma acentuada sensação de movimento.

A primeira oração do texto - "Picote morava em um lugar encantado" - fornece a chave para desvendá-lo: o encanto de Picote. Em um momento inicial, o livro encantar o leitor pela já citada exuberância visual. Posteriormente, o que capturará a criança (ou o jovem ou o adulto) será a magia do processo criativo. O livro instiga à produção.

A história é simples. Tal simplicidade não lhe acarreta qualquer ônus, sendo mesmo uma de suas características estruturais. ***Picote, o menino de papel***, é um ótimo "conto maravilhoso" atual. Narrativa circular na qual o herói começa com um situação bem estabelecida ("Picote era o menino mais feliz e brincalhão" e "Eles inventavam um tanto de coisas"); a isso se segue um desafio ou obstáculo, ou seja, um incidente gerador de tensão, capaz de alterar as condições da situação ("Uma fâsca caiu bem em cima do menino de papel"); com a ajuda de mediadores ou de um auxiliar mágico, o herói conquista seu objetivo ou recupera a situação inicial ("Mas logo chegaram os amigos e consertaram o pequeno Picote" e "Lá vai ele, novinho em folha"). Quanto à linguagem propriamente dita, o autor emprega palavras do cotidiano, o que é um fator positivo, pois cria uma empatia do leitor com o vocabulário. Além disso, palavras como "piruetas" e "trombou" podem

auxiliar no desenvolvimento da expressão oral da criança.

Outra qualidade, também no sentido de aproximação com o leitor, é a escolha do personagem. Não sendo Picote um adulto, a criança com ele se identifica, trazendo o personagem para comungar de sua visão de mundo.

É uma importante ferramenta para o educador que queira desenvolver atividades que despertem a sensibilidade estética do leitor. Tanto a percepção de cores quanto a apreensão de formas e dimensões podem ser trabalhadas a partir de **Picote, o menino de papel**. O professor poderá sugerir aos leitores que eles confeccionem os personagens dos livros ou mesmo elaborem suas próprias criações. Desta maneira, incentivando o movimento da produção criadora, é possível estimular a destreza manual e a coordenação motora. O próprio livro já sugere uma atividade ao final, trazendo uma dica para que o leitor construa um dos personagens secundários.

(Fátima Miguez/André Muniz de Moura)

89) Praça das dores. José Louzeiro. Il. Roger Mello. Rio de Janeiro: Salamandra, 1994. 59p. (14 x 21 x 0,6cm - 105gr.)

- Láurea "Altamente Recomendável para o Jovem" - FNLIJ - 1994
- Prêmio Adolfo Aizen para livros editados - Categoria Atualidade do texto - 1995

PARECER 1

No Brasil de hoje, é impossível fechar os olhos para as mazelas presentes no cotidiano de nossas grandes cidades. Uma delas, que deveria nos tocar bem de perto, é a população de rua, para ela empurrada devido à política do abandono e do desrespeito para com os mais pobres.

É exatamente essa temática que está presente no livro **Praça das Dores**. Partindo de um fato real que estremeceu o país - o assassinato de menores na Candelária, em 1993, o autor nos leva a caminhar entre crianças e jovens abandonados nas ruas do Rio de Janeiro (como de resto em todas as metrópoles do país), conhecendo seu dia-a-dia, seus valores, hábitos, sua linguagem e códigos de comunicação e defesa.

Emprestando seu corpo à criação ficcional, Caolho, Ruço, Anjo, Vidrado, Magrelo, dentre outros meninos, de idade entre 8 e 15 anos, são protagonistas (ora ativos ora passivos) de histórias cruéis, como cruel é a sua própria vida. Mas eles são também inteligentes, divertidos e espertos, o que lhes dá destreza e agilidade para sobreviver.

O leitor não deixa de tomar partido nessas histórias: ora tem desejos de vingança ora se entenece com as atitudes dos meninos. Essa mistura de sentimentos vai tecendo a leitura de **Praça das Dores**, mergulhando-nos na trama da narrativa de tal forma que não saímos indiferentes ao final do texto.

As histórias são curtas, tensas e narradas numa linguagem enxuta, mas nem por isso menos estética.

As ilustrações estão em total sintonia com o tema e contam também, em preto e branco, um pouco do cotidiano das personagens, dialogando com o texto verbal e com o leitor.

Tentando romper com o ponto de vista dominante, que vê a criança de rua como um delinqüente, culpabilizando-a, José Louzeiro consegue renovar nossas esperanças e expectativas, ao vincular seu texto a um problema nacional, assegurando o caráter comunicativo e a função social da obra e possibilitando ao leitor, principalmente ao adolescente e pré-adolescente, a experiência da fruição literária e, especialmente, do questionamento perante o mundo.

(Eleonora Cretton Abílio - PROALE/UFF)

PARECER 2

Praça das Dores, de José Louzeiro, é uma obra que retrata com fidelidade e realismo o cotidiano das crianças e jovens desassistidos que perambulam pelas ruas das grandes cidades brasileiras. O Prefácio de Betinho já antecipa as dificuldades que o jovem leitor de Praça das Dores terá para aceitar os valores de personagens como Estrelado ou Magrelo, Anjo ou Duka, que usam métodos de sobrevivência não convencionais aos dos estudantes de classe média. Todavia, a descrição desses personagens e de suas vidas irá conquistando a simpatia do leitor, já que o seu enfoque não é mais o das crônicas policiais ou o das "vítimas" de seus pequenos crimes, mas o olhar solidário do literato que os vê em seu aspecto humano e não como criminosos profissionais.

A narrativa de José Louzeiro inicia-se com uma declaração de fé nas crianças e um puxão de orelhas na sociedade que nega aos meninos e meninas de rua o amor de que necessitam para ter seus sonhos, fantasias e viver. A **Praça das Dores** é o nome ficcional da praça em frente à Candelária em que, no dia 23 de julho de 1993, tempo histórico da chacina, seis meninos que dormiam em frente à igreja foram mortos por um grupo de extermínio composto por policiais e políticos, os "Jumentos Audazes". Piolho, Ruço, Medrado, Cajá e Caolho morreram dormindo. A partir do cenário de destruição, um anti-clímax inicial, o autor começa a recriar a vida de outros personagens, em tudo iguais a esses que morreram.

Anjo, 12 anos, que parecia ter 8, achou, no Carnaval, uma pasta com 500 mil dólares. Devolve o dinheiro e por isso recebe como recompensa 5 mil, que distribui entre os mendigos. No dia da chacina, ao fugir por entre os carros, morre atropelado, sob os efeitos da cola que cheirara. Duka, 15 anos, vive na rua há cinco, roubando e vendendo o furto do roubo. Ouve no rádio a matança dos amigos e promete vingança. Estrelado, rosto e cabelo avermelhados, pertence ao bando do Merreca e é morto por ter roubado o boné de um estudante. Magrelo pertence à turma do Tatuado e tem um cachorro de estimação Au-Au, a quem ensina e que é contratado pelo Circo de Moscou, com o dono como seu assistente. Mico-Leão tinha 10 anos, mulato claro, cabeleira volumosa e aloirada, daí o apelido. Torna-se herói por ter-se fingido de manequim e impedido um assalto e, por isso, é adotado pela dona do ateliê, que espera assaltar, um dia. Tatuado tinha um skate amarelo; dizia-se "surfista do asfalto". Pertencia à "Gangue do Skate", com outros três. É preso, quando se exibia num show de travestis, mas consegue escapar. Vidrado foi o que escapou da chacina. Tentou viver sozinho pelas ruas, dormindo dentro dos carros que abria com sua chave "micha", tentou se enturmar, mas sua obsessão era pegar a pessoa que "detonou a galera" no dia 23/07. Após narrar a história de outros cinco "menores de rua", a narrativa se encerra, com o enfoque retornando à Praça... das Dores e o narrador assumindo o eu jornalístico para chamar a atenção de todos, concluindo que só "os caminhos da educação conduzem à cidadania".

Praça das Dores é uma obra destinada ao leitor em crescimento, que não se satisfaz apenas com a fantasia dos contos de fadas e a moralidade das fábulas. Obra realista, corajosa, de denúncia, que necessita de ser lida, para se discutir uma realidade tão próxima do brasileiro e que não pode ser ocultada, se se quiser modificá-la.

O projeto gráfico atende ao leitor a que a obra se destina e as ilustrações de Roger Mello dialogam com o texto narrativo, completando o retrato em preto-e-branco dos jovens enfocados, apresentado-os em sua sensibilidade, desamparo e humanidade.

(Francisco Aurélio Ribeiro)

91) Receitas de olhar. Roseana Murray. Il. Elvira Vigna. São Paulo:FTD,1997. 45p. (15,2 x 30,1 x 0,2cm - 130 gr.)

□Láurea "Altamente Recomendável - Poesia" - FNLIJ - 1997

PARECER 1

Roseana Murray e Elvira Vigna são duas das principais artistas brasileiras contemporâneas desse desafio que é escrever/ilustrar obras para crianças, sem redução do potencial artístico e a conseqüente puerilização da arte e de seu leitor.

Em Receitas de olhar, a autora elabora pequenos poemas, cuja proposta poética é a de dar receitas. Estas, no entanto, restringem-se ao campo lírico, à zona exclusiva do sensível e do imaginário. Assim, há a "Receita de abrir o coração", que introduz a obra ao leitor, seguida da

"Receita contra dor de amor", "Receita de viajar no tempo", "Receita de acordar palavras", "Receita de se olhar no espelho", "Receita de dizer o nome", "Receita de dançar no meio do céu", "Receita de andar sem rumo", "Receita de engolir o mar", num total de 21 poemas/receitas.

Diferente do livro tradicional de receitas, estas "Falas poéticas" (subtítulo da obra) não se traduzem em um manual de ordens, imperativos ou prescrições, mas, num convite à descoberta, à busca, através da sugestão e do devaneio. Mesmo numa tradicional "Receita de pão", entra o elemento poético, o misterioso: "mas o pão tem seus mistérios / na sua feitura há que entrar / um pouco da alma do que é etéreo" (p. 28).

As ilustrações de Elvira Vigna são aquarelas, abstratas ou quase, que dialogam, harmonicamente, com o texto poético de Roseana Murray. **Em Receitas de olhar** dá seqüência aos belos livros de poesias que se iniciaram, na década de 60, com Cecília Meireles, ou um pouco antes, com Henriqueta Lisboa ou Sidônio Muralha. Mais uma obra que honra o gênero "Poesia para crianças" na Literatura Brasileira.

De acordo com as autoras, no posfácio, "A poesia é um olhar e o poeta simplesmente exercita esse olhar" (R. Murray) e "As poesias deixam um espaço para que a pessoa possa colocar ou descobrir coisas dentro delas" (E. Vigna). O livro de poemas **Em Receitas de olhar** é um convite, pois, ao olhar e à descoberta. Não há como o recusar.

Em **Em Receitas de olhar**, Roseana Murray instiga o olhar diferente, utilizando as formas tradicionais da "receita". Com isso, o jovem leitor poderá criar as suas próprias "receitas", diferentes maneiras de ver o mundo e de escrevê-lo.

O leitor de poesia é estimulado a falar de seus sentimentos, num processo catártico e emocional. Em seguida, é estimulado a organizar, racionalmente, as palavras, versos e estrofes, distribuindo-os na folha. **Em Receitas de olhar** é um clássico da poesia escrita para crianças e jovens, pela riqueza imaginária que desperta em seu leitor e pelas possibilidades de "ver o mundo" que desperta.

(Francisco Aurélio Ribeiro)

94) Se as coisas fossem mães. Sylvia Orthof. II. Ana Raquel. 22ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 24p.

(28 x 21 x 0,3cm - 100 gr.)

☐Láurea "Altamente Recomendável - Criança" - 1984 - FNLIJ

PARECER 2

Sylvia Orthof é uma autora que ocupa lugar de destaque no cenário da literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea. Com extensa e profícua produção literária, reconhecida por características bastante peculiares como o humor, a irreverência, o *nonsense*, a tendência à transgressão - seja por meio de personagens e situações criadas em suas obras, seja por meio da própria linguagem -, a escritora imprimiu sua marca indelével neste cenário, inaugurando uma

tendência e um estilo que influenciaram outros autores também dedicados a escrever para crianças e jovens.

Sylvia, certamente, escrevia com grande alegria e prazer e são estes sentimentos que transbordam de seus textos, sejam eles narrativos ou poéticos. Mesmo suas narrativas estão carregadas de elementos próprios da poesia como o ritmo, as rimas, os jogos de linguagem tão prechos de sonoridade.

Se as coisas fossem mães é um texto poético que tem como características primeiras a singeleza, a graça e o ludismo, tão ao gosto dos pequenos leitores. Criando imagens poéticas singelas, a autora alia, a um só tempo, humor e delicadeza, personificando seres inanimados, povoando seu texto de seres fantásticos bem como de personagens ligados ao mundo real concreto.

As imagens poéticas, a autora as constrói a partir do plano sonoro, constituído pelas rimas finais e pelo ritmo, assim como a partir das referências que faz às características da figura materna de que se revestem as personagens do texto - a lua mãe das estrelas, a bruxa mãe das vassouras, a chaleira mãe da água fervida, entre outras.

É através da brincadeira, do jogo, que Sylvia desconstrói o estereótipo da figura materna, tão impregnada de clichês, chavões e lugares comuns. É aí que reside o caráter irreverente e transformador da obra. A autora revê conceitos, busca desfazer *pré-conceitos* e sugere outras possibilidades para a compreensão do que é ser mãe, sugerindo ao leitor: mãe não é, necessariamente, a mãe biológica, a mãe parideira.

O mérito do livro não reside apenas na excelente qualidade do texto escrito mas também na sensibilidade e competência das ilustrações, de autoria da artista plástica Ana Raquel que, com seus desenhos delicados e diáfanos, cria imagens ora oníricas, ora engraçadas. É interessante notar como o texto escrito e as ilustrações guardam semelhanças entre si, se interpenetram, se fundem, revelando um feliz casamento entre trabalho de autora e ilustradora.

Vale ainda ressaltar que tanto Sylvia Orthof quanto Ana Raquel buscam interagir com o leitor ao solicitarem sua contribuição pessoal ao texto escrito e à ilustração, tornando-o co-participante da obra.

(Margareth Mattos - PROALE/UFF)

95) Serafina e a criança que trabalha. Jô Azevedo, Iolanda Huzak, Cristina Porto. Il. Michele. 16ª ed. São Paulo:Ática,1999. 56p. (24 x 31 x 0,2cm - 270 gr.)

□Prêmio Malba Tahan - "O Melhor Livro Informativo" - FNLIJ - 1996

PARECER 2

Articulando a pesquisa realizada pelas jornalistas Jô Azevedo e Iolanda Huzak à personagem ficcional "Serafina" de Cristina Porto, a obra trata do trabalho infantil no Brasil e no exterior, através da narração da história de algumas crianças que, por precisarem ajudar a família, ingressam prematuramente no mercado de trabalho, sendo privadas da brincadeira e da educação.

O texto é bastante ágil e fluente. O depoimento das crianças entrevistadas, retomado por Serafina, permite incorporar os esclarecimentos de Seu Nonô, personagem da série ou da professora Catarina, que assume o ponto de vista das jornalistas pesquisadoras.

Na presente edição, o livro inclui também dados sobre a Marcha Global contra o Trabalho Infantil, realizada em 1998. Mais de 600 participantes do mundo inteiro reuniram-se em Genebra, na Suíça, onde fica a sede da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para discutir formas de acabar com o trabalho infantil no mundo.

Ficção e realidade se juntam de modo harmonioso, apontando novos caminhos para o tratamento da informação.

Muito bem cuidado, o livro articula a leveza do traço de Michele a uma cuidadosa seleção de fotos em cores e em preto e branco que transformam o livro em um verdadeiro álbum, como diz a personagem Serafina "um livro bonito-feio".

Os mapas, fundamentais para ajudar o leitor a localizar onde vivem as crianças cujos depoimentos são apresentados, ganham a marca inconfundível de Michele, cumprindo a função informativa, mas sem romper com o ficcional.

Cristina Porto levou sua personagem Serafina, menina curiosa, imaginativa e questionadora, às páginas de diversos livros como "Se... Será, Serafina?", "O dicionário de Serafina", etc. Em "Serafina e a criança que trabalha" as características da personagem permitem, sem nenhuma quebra na verossimilhança, intermediar um tema tão sério quanto este.

Sem perder seu lado criança, Serafina é uma menina de seu tempo: quer romper com o convencional, virar a realidade, descobrir novos jeitos de lidar com as coisas.

É muito grande a articulação entre escola e produção para crianças e jovens. Nem sempre as exigências didáticas impostas por essa relação foram favoráveis a propostas revolucionárias e ousadas lingüísticas. Os livros informativos sofrem mais com essas restrições.

"Serafina e a criança que trabalha" mostra que é possível aprender de outro modo, principalmente quando quem aprende é a criança. É possível conhecer através do lúdico e da brincadeira, sem ceder a grosseiras simplificações. Lutar pelo direito da criança à sua infância, é lutar, também, por seu direito a aprender brincando.

Cristina Porto é um dos grandes nomes da literatura infantil brasileira. Isto já é um credenciamento. O trabalho infantil não é uma realidade distante, freqüentemente somos confrontados com imagens chocantes, como, recentemente, a de crianças, algumas com pouco mais de três anos, descascando mandiocas com grandes facões, em fábricas de farinha no Nordeste.

É preciso discutir os direitos da criança, pois, infelizmente, eles ainda estão longe de ser conquistas.

(*Maria José Nóbrega*)

102) *Uma idéia toda azul.* Marina Colasanti. Il. Marina Colasanti. 19ª ed. São Paulo, Global Editora, 1998. 64p. 1x1cor

(14 x 21 x 0,4cm - 80 gr.)

- Grande Prêmio da Crítica 1979 (Associação Paulista de Críticos de Artes) .
- O Melhor para o Jovem 1979 (FNLIJ)
- Prêmio Orígenes Lessa - "O Melhor Para o Jovem" - FNLIJ - 1979
- Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte - Categoria Infantil - 1979
- Projeto Ciranda de Livros (Ciranda 2) - 1983
- Projeto Recriação/FNLIJ - 1986
- Projeto Meu Livro, Meu Companheiro/FNLIJ - 1988

PARECER 1

Uma idéia toda azul nasceu clássico. Não porque trate temas que encontram parâmetros nos contos tradicionais, nem porque seus personagens são reais, princesas, unicórnios e fadas, mas

porque fala de um mundo interior que permanece, não importa o passar dos tempos ou o aprimoramento da tecnologia. E porque, ao referir-se a esses sentimentos recônditos em todo homem e em cada um, o faz de modo altamente poético. É uma das obras em que conteúdo e forma surgem com a unidade perfeita que sempre deveriam ter e que caracteriza a obra literária. Marina Colasanti uma das mais importantes autoras brasileiras para crianças e jovens renova neste livro, cria a partir do conhecido, transforma com as palavras um mundo que parecia nada mais poder oferecer de insólito. "Por duas asas de veludo", "Um espinho de marfim" e "Entre as folhas do verde O" têm como tema principal amor e morte. Nos dois primeiros, a morte como lugar de encontro e realização do amor: No último, o amor / desencontro.

Ainda o amor está presente em "Sete anos e mais sete" uma recriação do famoso "A bela adormecida no bosque". O ciúme entre irmãos seria o principal tema de "Além do bastidor" e "Fio após fio". Ambos penetram fundo nesse sentimento natural, possibilitando ao leitor aquela sensação, misto de identificação e horror.

Solidão e busca, outro sentimento angustiante da infância, é magistralmente tratado em "A primeira só".

Das possibilidades infinitas do pensamento e da liberdade fala-nos "O último rei". Kublai-Khan, último da dinastia Mogul, preso entre as muralhas do seu castelo, sabia do mundo lá fora pelo vento.

O conto-título, **Uma idéia toda azul**, acrescenta aos outros uma atitude crítica mais facilmente compreensível. O jovem rei esconde sua idéia, com medo que a roubem. Quando, já idoso, deixa o trono, corre atravessando salões e descendo escadas a caminho das "Salas do Tempo", para buscá-la. "Na cama de marfim a idéia dormia azul como naquele dia. Como naquele dia jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo parado na Sala do Sono."

Uma idéia toda azul não é um livro apenas para crianças. Como os contos de Grimm ou Andersen, em suas versões integrais, tem intenções profundas que só serão apreendidas por adolescentes e adultos. Mas nem por isso a criança deve ser privada de sua leitura. A beleza e a sonoridade do texto, o lúdico dos jogos de palavras, a poesia imanente em cada frase são valores que ficam. E, no mais profundo, a criança reconhece essa linguagem da fantasia, que é a sua. Por isso ele foi selecionado para integrar a biblioteca da escola.

Graficamente cuidado, o livro apresenta bonitas ilustrações a traço da autora, que situam no tempo sentimentos tão intemporais.

(Laura Sandroni)